

# PRÁTICAS DISCURSIVAS DO/NO PENSAMENTO DE VIDA LGBT+: MATERIALIZAÇÕES LINGUÍSTICAS DO/NO CANAL PÕE NA RODA

---

## *Discursive Practices of/in LGBT+ Life Thinking: Linguistic Materializations of/in the Channel Põe na Roda*

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-25

San Thiago de Araújo\*

Simone Tiemi Hashiguti\*\*

---

**RESUMO:** Conforme proposto por Silva (2022), o Pensamento de vida LGBT+ é um universo sociodiscursivo que funciona como um regime doutrinário colocando em circulação os saberes de indivíduos que se autodenominam LGBT+ e materializa-se em diferentes semioses utilizadas nas atividades comunicativas desses sujeitos. Partindo desse conceito orientador, neste artigo tomamos um trecho de vídeo disponível no canal Põe na Roda, do YouTube, como exemplar de funcionamento desse pensamento de vida e apresentamos uma análise dos efeitos de sentido e das condições de possibilidade do que nele se enuncia. Fundamentamo-nos nos estudos discursivos propostos por Michel Foucault e Michel Pêcheux, a partir dos quais entendemos os procedimentos analítico-discursivos e a relação com o dizer que é possível num pensamento específico. Como será exposto, a análise nos permite refletir sobre a vida sociocultural dos sujeitos LGBT+ e perceber saberes inerentes às especificidades de suas interações comunicativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Pensamento de vida coletiva. Grupos sociais. Sexualidades. LGBT+.

**ABSTRACT:** As proposed by Silva (2022), the LGBT+ Life Thinking is a sociodiscursive universe that works as a doctrinal regime putting into circulation the knowledge of individuals who call themselves LGBT+ and materializes in different semioses used in these subjects' communicative activities. Based on this guiding concept, in this article we take a video excerpt available on the YouTube channel Põe na Roda as an example of how this life thinking works, and present an analysis of the meaning effects and the possibility conditions of what is uttered on it. We draw on the discourse studies proposed by Michel Foucault and Michel Pêcheux, based on which we understand the analytical-discursive procedures and the relationship with saying made possible in a specific thinking. As will be explained, the analysis allows us to reflect on the sociocultural life of LGBT+ subjects and perceive knowledge inherent to the specificities of their communicative interactions.

**KEYWORDS:** Discourse. Collective life thinking. Social groups. Sexualities. LGBT+.

---

---

\* Mestre e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG); ORCID: 0000-0002-6657-730X. E-mail: santhiago.araujo(AT)gmail.com.

\*\* Professora do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, possui doutorado e mestrado em Linguística Aplicada, ambos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: 0000-0002-9230-9640. E-mail: simonehashiguti(AT)gmail.com.

## 1 Introdução

Em pesquisa anterior (SILVA, 2022), dedicamo-nos a estudar o funcionamento discursivo da proliferação de letras na sigla LGBTQ+, que representa as palavras: lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e demais categorias, e que nomeia também o movimento social intitulado LGBTQ+<sup>1</sup>. Essa sigla, cabe mencionar, foi se transformando ao longo dos anos para acolher novas letras, relativas a outras identificações que também foram demandando visibilidade (FACCHINI, 2005). Nessa pesquisa, buscamos compreender os efeitos – não apenas no Movimento LGBTQ+, como também nas próprias constituições subjetivas de suas integrantes – da crescente emergência de identidades sexuais para nomear, classificar, categorizar e delimitar o que é devido ou não a cada corpo. Para isso, contrapusemos os posicionamentos do próprio Movimento LGBTQ+, materializados em *slogans* temáticos de edições da Parada do Orgulho de Uberlândia (MG), a dizeres de indivíduos que se autoidentificaram em alguma das identidades LGBTQ+. Nosso intuito foi compreender, de um lado, como esse movimento social se deslocou ao longo do tempo para atender às diferentes demandas que emergiram; e, de outro, como as diversificadas subjetividades dele constituintes percebiam suas pautas sendo discutidas e representadas pelo Movimento LGBTQ+.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, chamou-nos a atenção, contudo, a discursivização – quase unânime –, entre as participantes da pesquisa, de uma negativa de integração ao referido Movimento. Isto é, apesar de todas elas terem sido contatadas a partir de espaços virtuais de interação LGBTQ+ e de cada uma se dedicar a diferentes atividades cujas temáticas são, como entendemos, inerentes ao Movimento LGBTQ+, foi recorrente, em seus depoimentos, que elas negassem integrá-lo. Além disso, houve uma regularidade em seus dizeres ao adjetivarem-no de maneira negativa, apontando supostos traços “racistas”, “elitistas” e até “machistas” em seu interior. Essas adjetivações, alinhadas às negativas anteriormente mencionadas, levantaram em nós uma série de questionamentos que, inicialmente, não eram

---

<sup>1</sup> Uma das primeiras motivações para o desenvolvimento da pesquisa mencionada, nasceu da inquietação quanto à proliferação de letras nessa sigla, observando que não havia um consenso sobre a forma como se referir a esse movimento social. Entretanto, conforme explicitado em Silva (2022), durante a realização da pesquisa, ao tomarmos os *slogans* da Parada do Orgulho de Uberlândia (MG) como parte de nosso *corpus* analítico, constatamos que a sigla “LGBTQ+” foi a de maior frequência nas comunicações oficiais das edições do evento ao longo dos anos. Por esse motivo, adotamo-la em detrimento de outras tantas possíveis.

nossas preocupações com a pesquisa, tais como “de quem se está falando, quando se fala do Movimento LGBTQ+?”, “quem é o sujeito desse movimento?”, “quem o integra e fala por ele?”. Isso porque, se é comum que se negue integrar o Movimento LGBTQ+, quem é que, de fato, recebe as adjetivações que são dadas a ele? Essas perguntas talvez poderiam ser sintetizadas na seguinte formulação: “Bastaria a um indivíduo reconhecer-se em uma das identidades sexuais discursivizadas pela sigla LGBTQ+ para integrar o Movimento?”. Além de condensar as anteriores, foi essa questão que nos possibilitou ir alguns passos adiante em nossa investigação.

Ao longo da pesquisa, percebemos a existência de enunciabilidades comuns entre as participantes da pesquisa, ainda que elas não se compreendessem integrantes ao Movimento LGBTQ+ (SILVA, 2022). Ou seja, a despeito de os sujeitos LGBTQ+ não perceberem a si mesmos como integrantes de um movimento social que os una, há discursividades específicas circulando entre eles, constituindo seus saberes e universos discursivos. Por isso, ainda enquanto pesquisávamos, compreendemos a necessidade de distinguir entre o que seja o Movimento LGBTQ+ – um movimento social de resistência que representa, em diferentes âmbitos e campos sociais, indivíduos não-cisheterossexuais<sup>2</sup> – e o que seja um universo sociodiscursivo contra-hegemônico à cisheteronormatividade e próprio das interações LGBTQ+ – o qual denominamos: *Pensamento de vida LGBTQ+* (SILVA, 2022).

Finalizada a pesquisa mencionada e tendo feito a proposição desse universo sociodiscursivo, permaneceu o nosso interesse em responder: ‘como o Pensamento de vida LGBTQ+ se materializa nas interações de sujeitos LGBTQ+?’, de modo que passamos a investigar seus espaços de sociabilidade para identificar essas materialidades linguísticas. Sendo assim, neste artigo, descrevemos uma prática languageira extraída de um desses espaços pesquisados e desenvolvemos, a partir dela, um estudo discursivo fundamentado pelos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux (1997, 2012), ao analisarmos os efeitos de sentido do que é dito, e de Michel Foucault (2008, 2019), ao refletirmos sobre as condições de possibilidade daquilo que se enuncia. Para isso, selecionamos o vídeo “24 perguntas pra LUTÁVIO de ORGULHO E PAIXÃO (Juliano Laham e Pedro Henrique Müller)”<sup>3</sup>, do canal do Youtube “Põe na Roda”<sup>4</sup>, que

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para nos referirmos a indivíduos que não se reconheçam como cisgênero e/ou como heterossexuais.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://youtu.be/OvMCZwQp-hA>. Acesso em: 12 nov. 2022.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/PoeNaRoda/about>. Acesso em: 12 nov. 2022.

produz conteúdos para e sobre LGBT+. Nosso objetivo com isso é apresentar o Pensamento de vida LGBT+, esse universo sociodiscursivo contra-hegemônico inerente às vivências dissidentes em sexo e sexualidade, funcionando linguisticamente por meio do material mencionado.

Dessa forma, nas próximas seções deste texto, expomos os pressupostos teórico-metodológicos nos quais nos calcamos; descrevemos e analisamos discursivamente a materialidade linguística<sup>5</sup> que apresentamos; por fim, finalizamos mostrando o funcionamento do Pensamento de vida LGBT+ através dessa materialidade e, a partir das especificidades dos discursos e saberes identificados nesse universo sociodiscursivo, tecemos considerações sobre características inerentes à historicidade desses grupos de sujeitos.

## 2 Pressupostos teóricos

Em suas buscas por aquilo que caracterizaria a unidade do que se pode dizer com *a* medicina; *a* política; *a* educação etc., Foucault (2008) defende que essas instâncias enunciativas não constituem unidades pelo objeto que discursivizam – pois esses estão em constante transformações, jogos de diferença, de desvios e substituições –; nem por um tipo normativo de enunciação – pois, ao longo do tempo, abrigam formulações de níveis e funções demasiadamente diferentes –; ou pelo conjunto de seus conceitos e noções – que se diferem em estrutura e regras de utilização, ignorando-se e excluindo-se mutuamente –; tampouco pela sua permanência temática – uma vez que diversas possibilidades estratégicas ativam temas incompatíveis e/ou introduzem as mesmas temáticas em conjuntos enunciativos diferentes. Segundo o autor (FOUCAULT, 2008), a unidade que as constitui está justamente na regularidade de suas dispersões, em suas formações discursivas. Essas formações se constituem quando, entre esses elementos – objetos, modalidade de enunciação, conceitos e escolhas temáticas –, podem ser detectadas regularidades: “uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas” (FOUCAULT, 2008, p. 42). As condições (históricas, políticas, sociais, econômicas, culturais) de existência, coexistência,

---

<sup>5</sup> Apesar de o material que abordamos tratar-se de um vídeo, isto é, referir-se a um objeto de estudo multimodal com possibilidades plurais de análise, neste artigo, iremos nos ater às materialidades linguísticas da situação comunicativa em que se envolvem os interlocutores do vídeo.

manutenção, modificação e desaparecimento a que esses elementos estão submetidos constituem suas regras de formação discursiva (FOUCAULT, 2008).

Um exemplo de estudos discursivos que se dedica a descrever as condições de possibilidade de um dado enunciado pode ser pensado a partir da própria obra do autor, quando ele descreve como, gradualmente, pelo menos desde o século XVII, o sexo não parou de ser discursivizado como o lugar em que reside a verdade oculta dos indivíduos (FOUCAULT, 2020). Destarte, visando fazer falar sobre o sexo, diferentes formações discursivas – como a cristã ortodoxa e as ciências psi – coexistiram e mantiveram-se, utilizando-se de técnicas como a confissão (FOUCAULT, 2020). O autor tem uma extensa produção sobre a temática que foge dos objetivos deste artigo descrever; nosso intuito com a breve retomada que fizemos de seus estudos é ilustrar o que mencionamos anteriormente: a historicidade do sexo descrita pelo autor – e as técnicas confessionais utilizadas para extorqui-lo dos sujeitos – configura-se em condições que possibilitam a emergência de enunciados que levam os sujeitos a falar de seus sexos, tais como *slogans* de militância – “Não suma, assumo” (SILVA, 2022) – e/ou questionários diversos que pretendem mapear as características dos indivíduos, comumente iniciando-se por questionar-lhes seus sexos/gêneros (DURANTE; GUIMARÃES; ARAÚJO, 2022).

Sendo assim, calcados no quadro epistemológico descrito por Foucault (2008), compreendemos o discurso como um conjunto de enunciados que obedecem a um mesmo conjunto de regras de formação. Entendemos também que pela análise das condições em que os enunciados emergem, os discursos podem ser descritos, observados e estudados. Ou seja, uma vez que os enunciados são os elementos unitários dos discursos, estudar suas condições de possibilidade permite-nos caracterizar as regras de formação sob as quais os discursos estão submetidos. Por isso, filiando-nos a essa perspectiva teórica, no presente estudo, para abordarmos o tema do Pensamento de vida LGBTQ+ em seu funcionamento discursivo, refletimos sobre as condições de emergência de enunciados através de sua espessura material, isto é, refletimos sobre os fatores sócio-históricos que os possibilitaram vir à tona.

Entretanto, também nos embasamos em uma outra perspectiva teórica para a qual estudar os discursos consiste em analisar as diferentes significações que podem ser produzidas na/pela estrutura linguística, a depender das posições discursivas em que se localizam e das quais se parte para interpretar. Dessa perspectiva, certos empregos linguísticos conduzem a

múltiplos processos semânticos devido às distintas possibilidades discursivas que envolvem a comunicação. Isso é perceptível por meio da palavra “lacrar” que, em dadas situações comunicativas, podem significar isolar ou fechar algum objeto e, em outras, diz respeito a atributos de alguém demasiadamente moralista, conforme pode ser aferido na Figura 1:

Figura 1: Diferentes efeitos de sentido para a palavra “lacrar”



Fonte: <https://seletronic.com.br/o-que-e-lacracao/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Além disso, as variadas escolhas lexicais para relatar os fatos/fenômenos também podem explicitar os posicionamentos dos quais parte aquele que enuncia, como, por exemplo, reportar-se às preferências sexuais de outrem por “orientação” ou “opção” sexual. Isso porque tais escolhas linguísticas posicionariam o enunciador, respectivamente, como alguém que compreende a constituição da sexualidade como algo nato e alguém que a concebe como uma escolha; ou então demonstraria maiores proximidades ou distanciamentos que esse enunciador tem em relação às discussões LGBT+ sobre o que é apropriado ou não, linguisticamente falando, para se referir à sexualidade<sup>6</sup>. Com isso, queremos dizer que, apesar de compreendermos os discursos como agrupamentos de enunciados regulados por condições específicas, também nos amparamos em estudos discursivos que buscam analisar, por meio da estrutura linguística do que é enunciado, os efeitos de sentido que são construídos (PÉCHEUX, 1997, 2012).

---

<sup>6</sup> Um exemplo de materialidade em que se discute sobre a (in)adequação dos termos “opção” e “orientação” para se referir às sexualidades das pessoas, bem como sobre os diferentes efeitos de sentido que constroem, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57EERn4Le1k>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Compreender essa não transparência da língua(gem) e a variabilidade dos sentidos que são produzidos, a depender das condições que a ela são exteriores, permite-nos afirmar que nem todos os indivíduos têm o mesmo acesso aos mesmos discursos. A esse respeito, Michel Foucault (2019) esclarece que os discursos não dizem respeito ao lugar onde se pode manifestar/ocultar desejos ou em que se materializam as lutas e sistemas de dominação. Para o autor, os discursos são o próprio objeto do desejo, justamente aquilo pelo que se luta e o poder do qual se quer apoderar. Por isso, a produção discursiva de qualquer sociedade é regulada por procedimentos que visam, de um lado, conservar e fazer circular certos discursos; e, de outro, suprimir e excluir outros.

Por conseguinte, dentre outros procedimentos de rarefação dos discursos e dos sujeitos falantes, Foucault (2019) descreve as doutrinas como sendo aquilo que liga os indivíduos a certos tipos de enunciação, de modo que tais indivíduos se autorreconheçam em uma pertença recíproca, admitindo, como pré-requisito a essa pertença, as mesmas verdades e aceitando as mesmas regras de conformidade com os discursos validados como verdadeiros. Uma doutrina, desse modo, funciona ligando indivíduos a certas enunciações e proibindo-os de outras – promovendo a rarefação dos discursos pelo sujeito falante –, ao passo que também se vale de enunciações específicas para ligar os indivíduos entre si – tendo como efeito a rarefação dos sujeitos falantes pelo discurso.

Além disso, para embasar as proposições que fazemos neste texto, ancoramo-nos naquilo que foi idealizado por Hashiguti (ALAB, 2021) como “pensamentos de vida coletiva”. Para a linguista, nos espaços de sociabilidade característicos de grupos de resistência, é possível acessar saberes imanentes aos sujeitos desses grupos, que emergem de/em suas práticas discursivas e pela natureza de coletividade e convivência que, necessariamente, se contrapõe a opressões e sistemas hegemônicos. No nosso caso, trata-se de saberes entre sujeitos LGBTQ+, ou seja, entre dissidentes sexuais em relação às normatividades hegemônicas, de forma que nos referimos a essa sua organização coletiva de saberes por Pensamento de vida LGBTQ+ (SILVA, 2022).

Cabe explicitar que o que estamos chamando de pensamento refere-se a um sistema organizado e organizador de saberes através da produção discursiva que constrói imaginários, conforme princípios de coerência estabelecidos entre esses tipos de saberes (CHARAUDEAU,

2017). Todo pensamento emerge e faz emergir saberes específicos dos grupos de pessoas que os praticam e que se constituem como coletividade. Esses saberes têm sua dimensão discursiva, do que pode e deve ser dito e com quais relações de memória, e sua dimensão de subjetivação e memória, de constituição das maneiras possíveis de recortar e organizar o mundo e as coisas, de se identificar. Os sistemas de pensamento e seus saberes baseiam proposições que testemunham visões de mundo, isto é, imaginários (CHARAUDEAU, 2017). De acordo com Charaudeau (2017), os imaginários são apreensões do mundo e nascem de representações sociais que significam a realidade – os objetos, os fenômenos que se produzem, os humanos e seus comportamentos etc. Assim, segundo o autor, os imaginários são o resultado de processos de significação e simbolização do mundo, por meio da intersubjetividade das relações, tendo extensões variáveis conforme os grupos em que suas discursividades circulam.

O linguista (CHARAUDEAU, 2017) ainda destaca que os imaginários são sociais porque a atividade de simbolização referencial do mundo se dá dentro de determinados domínios da prática social – política, artística, educativa, religiosa etc. –, tornando coerente a ordem social e as condutas; e são também discursivos porque

são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva. (CHARAUDEAU, 2017, p. 579)

Nesse sentido, os sistemas de pensamento, além de conduzir a determinadas práticas sociais através dos saberes a eles inerentes, também estão vinculados à criação de universos discursivos, agrupamentos de imaginários que funcionam no interior dos grupos sociais. Por isso, podemos afirmar que faz parte de um sistema de pensamento a possibilidade de uma pedagogia interna, isto é, formas próprias de apropriação de seus saberes por meio de propagações e rarefações discursivas. E, em se tratando de grupos sociais cujos universos discursivos se constituem de saberes contra-hegemônicos, esses procedimentos de apropriação se configuram em *pedagogias de reexistência* (SILVA, 2022), visando promover a resistência e possibilitar a existência de sujeitos e grupos feitos minoritários.

Isso posto, compreendemos o Pensamento de vida LGBTQ+ como um universo discursivo que funciona de forma doutrinária: regulando os discursos pelos sujeitos que falam e os sujeitos pelos discursos que veicula através de pedagogias de reexistência. Além disso, consideramo-lo um pensamento de vida coletiva porque, não se limitando ao discursivo – tomando como base

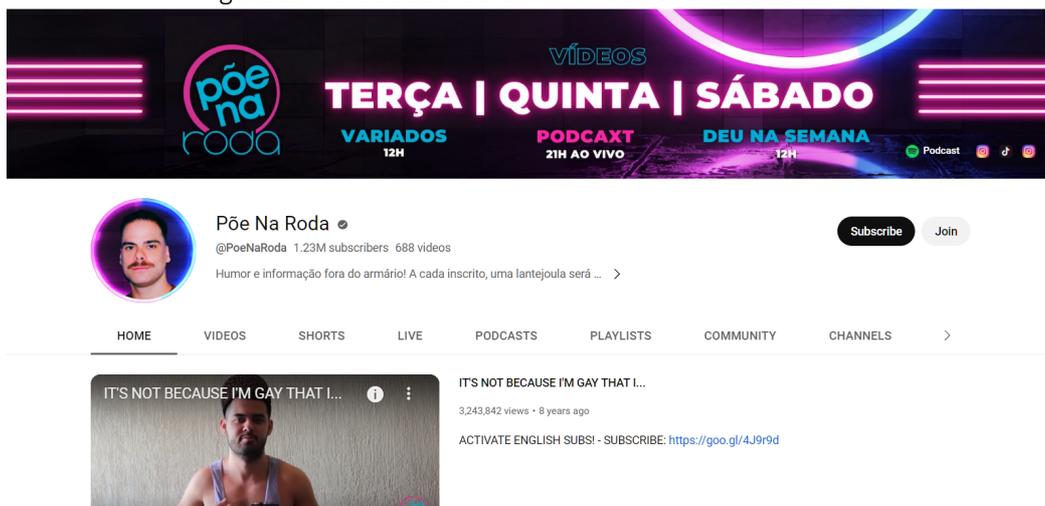
a distinção entre “discursivo” e “social” feita por Charaudeau (2017) e apresentada anteriormente –, o Pensamento de vida LGBTQ+ funciona como uma filosofia de vida mediadora das práticas sociais dos sujeitos que nela se inscrevem, por meio dos imaginários que faz emergir, isto é, dos processos de significação da realidade às quais conduz e possibilita.

### 3 Metodologia

Tendo esclarecido os pressupostos teóricos que embasam o estudo discursivo que desenvolvemos neste texto, explanamos que, para a seleção do recorte que aqui apresentamos, fizemos buscas em espaços virtuais de interação LGBTQ+ – produzidos por, para e sobre LGBTQ+ –, já com um olhar analítico, na tentativa de identificar materialidades disso que denominamos Pensamento de vida LGBTQ+. Nesse caso, por materialidades, compreendemos empregos linguísticos e/ou efeitos de sentido que dizem respeito, de forma específica, a saberes, vivências e experiências dos sujeitos que integram esses espaços, isto é, de indivíduos que se autoidentificam como LGBTQ+.

Dentre os ambientes virtuais pesquisados, tomamos como *corpus* deste artigo um trecho do vídeo “24 perguntas pra LUTÁVIO de ORGULHO E PAIXÃO (Juliano Laham e Pedro Henrique Müller)”, do canal do Youtube “Põe na Roda”.

Figura 2: Print de tela do Canal do YouTube Põe na Roda



Fonte: <https://www.youtube.com/@PoeNaRoda>. Acesso em: 8 abr. 2023.

O Põe na Roda é um projeto e canal de entretenimento e informação LGBT+ da plataforma de vídeos Youtube. Criado pelo youtuber Pedro HMC em 2014, o Põe na Roda conta atualmente com 1,23 milhões de inscritos<sup>7</sup>, configurando-se em um importante veículo para a representatividade LGBT+.

A seleção do material se deu por considerarmos que o vídeo em questão tem um trecho que, especialmente, torna perceptível o funcionamento de rarefação discursiva e dos sujeitos falantes do Pensamento de vida LGBT+. Isso porque, como pormenorizamos na seção seguinte, nesse trecho – sobre o qual efetivamente se detém a nossa análise –, duas pessoas inscritas em diferentes universos discursivos posicionam-se de maneiras distintas como interlocutores perante uma mesma enunciação que tem como sua origem o canal do Youtube LGBT+ Põe na Roda.

Selecionado o recorte do vídeo supracitado, submetemo-lo a um batimento de análise discursiva, refletindo sobre as condições sócio-históricas que possibilitam a emergência dos enunciados que destacamos e sobre os efeitos de sentido que são construídos pela espessura material do que é dito, mas que só o são dentro dos limites discursivos do Pensamento de vida LGBT+. Ou seja, em nossa análise, destacamos quais os efeitos de sentido são produzidos exclusivamente dentro desse universo sociodiscursivo, diferenciando-se dos efeitos passíveis e possíveis de serem construídos fora dele, para que compreendêssemos como o Pensamento de vida LGBT+ se materializa nas práticas discursivas de indivíduos LGBT+.

#### **4 Práticas discursivas do/no Pensamento de vida LGBT+**

Em 2018, foi ao ar na rede aberta de televisão a novela “Orgulho e Paixão”. Inspirada em romances da escritora Jane Austen, a novela foi escrita por Marcos Bernstein e adaptada para a tela pela Rede Globo, que a transmitiu em sua grade horária das dezoito horas. Ou seja, como popularmente se difundiu na cultura brasileira, tratou-se de uma “novela das seis”<sup>8</sup>. Na trama, dentre os variados (des)encontros amorosos, acompanhou-se a construção de um casal homossexual por meio do mecânico Luccino Pricelli, interpretado pelo ator Juliano Laham, e do

---

<sup>7</sup> Conforme dados aferidos em: 8 abr. 2023.

<sup>8</sup> Outras informações sobre a novela estão disponíveis em: <https://gshow.globo.com/novelas/orgulho-e-paixao/noticia/orgulho-e-paixao-conheca-a-historia-da-nova-novela-das-6.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Capitão Otávio Mastronelli, vivido pelo ator Pedro Henrique Müller. A novela contou com 162 episódio e teve seu desfecho transmitido originalmente em 24 de setembro de 2018. Após o capítulo final, em 2 de novembro de 2018, foi postado pelo canal do Youtube Põe na Roda, o vídeo 24 perguntas pra LUTÁVIO de ORGULHO E PAIXÃO (Juliano Laham e Pedro Henrique Müller).

Dentre inúmeras produções midiáticas, que vão desde experiências de viagem até vídeos politicamente engajados para garantir visibilidade a pautas LGBTQ+, como o próprio nome do canal sugere, uma característica bastante recorrente em seus materiais é o uso de trocadilhos com a intenção comunicativa de promover efeitos humorísticos. Esse padrão pode ser observado, por exemplo, em quadros como “*Deu na semana*”, que simula um telejornal apenas com notícias que estejam de alguma forma vinculadas a assuntos LGBTQ+, e o “*Bem vindo ao vale*”, que destaca as personalidades públicas que – como popularmente se discursiviza – “saíram do armário”, isto é, declararam-se publicamente como sujeitos LGBTQ+. Nesses dois nomes de quadros produzidos pelo canal, os trocadilhos estão nos termos destacados *deu* e *vale*. O primeiro porque é conotativamente significado como *assumir posição sexual passiva* e o segundo porque é um termo que satiriza os dizeres de uma pastora que, em 2011, relatou ter ido quinze vezes ao inferno e conhecido o *Vale dos homossexuais*, local em que sujeitos LGBTQ+ estariam “ardendo” frente a frente “para nunca esquecerem a abominação que fizeram”<sup>9</sup>. Desde a popularização desse relato, ser do *vale* foi incorporado aos jargões LGBTQ+ e refere-se a ser um sujeito LGBTQ+.

Além desses quadros, o Põe na Roda também produz, esporadicamente, o “24 perguntas para [...]”, ao qual convida personalidades para responderem a 24 questões. Como mencionamos acerca dos anteriores, o nome desse quadro também materializa um trocadilho. Isso porque o número 24 é popularmente atrelado à homossexualidade, uma vez que é o número do veado<sup>10</sup> na bolsa de apostas conhecida por “jogo do bicho”. Apesar da dinâmica de perguntas e respostas, o quadro “24 perguntas para [...]” rompe com os padrões de entrevistas que se costuma ver em veículos de informação, devido aos recursos multimodais como sons,

---

<sup>9</sup> Conforme disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/05/09/o-que-e-o-vale-dos-homossexuais-em-que-diego-hypolito-foi-acolhido.htm>. Acesso em: 22 nov. 2022.

<sup>10</sup> Termo pejorativo também atribuído a homossexuais.

textos, hiperlinks, imagens e recortes de vídeos que são inseridos entre as falas dos interactantes<sup>11</sup>. Ainda que essas materialidades sonoras e visuais não sejam nossos objetos de análise neste texto, elas contribuem para a discursivização do canal como uma totalidade discursiva LGBTQ+, uma vez que se utilizam de saberes inerentes às vivências de sujeitos LGBTQ+ e, engajando-se em determinadas discussões, pedagogizam modos de ser e resistir.

Dentre outras personalidades convidadas para o quadro “24 perguntas para [...]”, já estiveram o padre Julio Lancellotti, a apresentadora Xuxa Meneghel, o senador Fabiano Contarato e o ator Rainer Cadete. Sendo assim, dada a visibilidade e representatividade promovidas pela novela *Orgulho e Paixão* através do casal “Lutávio” – trocadilho que une os nomes das personagens Luccino e Otávio –, por terem sido o primeiro casal homossexual de uma novela das seis, o canal de conteúdos LGBTQ+ convidou os dois atores que contracenaram juntos para esse quadro constituído de 24 perguntas. É, então, ao longo dessa entrevista, aos 14 minutos e 7 segundos após o seu início, na pergunta de número 20, que Pedro HMC, na posição de entrevistador do Põe na Roda, pergunta a um dos convidados, a Pedro Henrique Müller (Otávio):

“Se fosse hoje, qual você acha que seria a *bio* do Otávio no Grindr?”

“a) Discreto e fora do meio

“b) Em busca de alguém que me faça deletar este aplicativo

“c) Real com local”

A partir dessa questão colocada, duas posturas distintas podem ser percebidas entre os atores que estão sendo entrevistados: enquanto o Pedro Henrique Müller ri, explicitando o efeito humorístico que se constrói pela pergunta, o Juliano Laham não compreende o que está sendo abordado e questiona:

“O que que é isso?”

Na sequência, o ator Pedro Henrique Müller pede para que as alternativas sejam repetidas e passa a explicar o que a alternativa que dá como resposta correta significa.

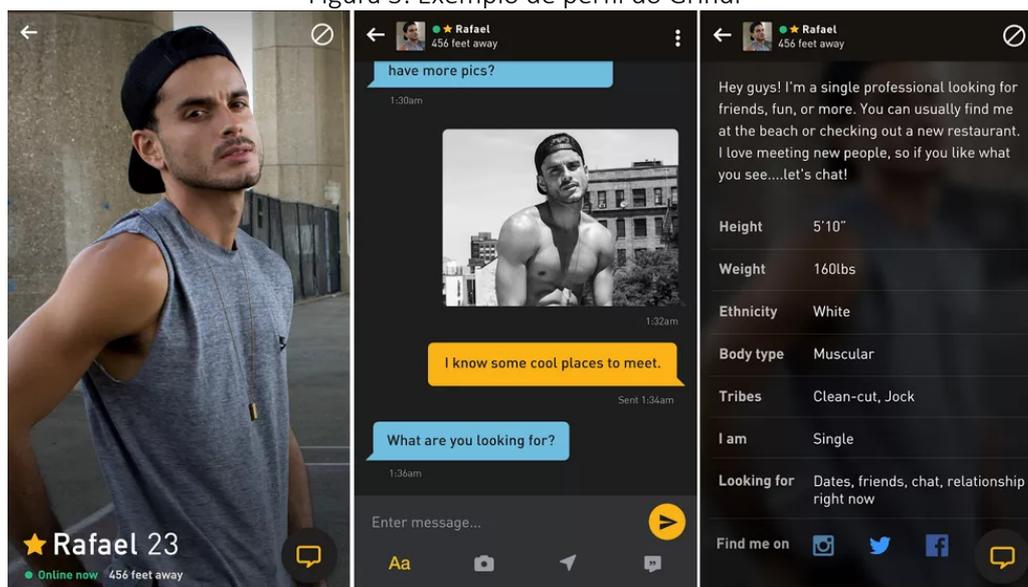
A esse excerto, algumas informações precisam ser acrescentadas para que nos façamos compreendidos naquilo que articulamos com este texto. Grindr é uma rede social e aplicativo

---

<sup>11</sup> Empregamos o termo “interactantes”, fundamentados por Charaudeau (2019), para destacar que os interlocutores inscritos em uma dada situação comunicativa são co-produtores dos dizeres.

de relacionamentos lançada em 2009 para homens gays/bissexuais e pessoas transexuais/queer<sup>12</sup>. Como grande parte das redes sociais, é preciso que se tenha um perfil de usuário para que seja possível desfrutar de suas funções. E, nesse perfil que se cria, conforme Figura 3 a seguir, é comum que algumas descrições e interesses sejam destacados, ou seja, que se escreva uma *bio*.

Figura 3: Exemplo de perfil do Grindr



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/11/o-que-e-grindr-veja-como-funciona-o-app-para-a-comunidade-lgbtqi.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2023.

Além disso, outros dados que se fazem relevantes dizem respeito às identificações sexuais pelas quais os atores convidados do Põe na Roda se discursivizam em suas práticas sociais. Isso porque, sem nos arriscarmos em definições identitárias que fixam os corpos e suas interações em categorias, podemos observar que, para todos os efeitos, Juliano Laham – o ator que não compreende a questão transcrita anteriormente – inscreve-se em relacionamentos heterossexuais; e Pedro Henrique Müller – o ator pelo qual o efeito humorístico da pergunta se efetiva –, por outro lado, vive um casamento homossexual.

O efeito humorístico construído da interlocução entre Pedro HMC (Põe na Roda) e Pedro Henrique Müller (Otávio) se faz pela enunciação de caricaturas de perfis recorrentes em

<sup>12</sup> Conforme disponível no *website* oficial do aplicativo: <https://www.grindr.com/about/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

aplicativos LGBTQ+. Mas o humor não se constrói pela mera observação da recorrência de certos perfis, o que nos levaria à conclusão de que o ator Juliano Laham não compreendeu a pergunta pelo fato de desconhecer o aplicativo Grindr e seus usos. O efeito humorístico se constrói pela/na própria estrutura linguística empregada em cada uma das alternativas que explicitam essas caricaturas e que, com exceção da alternativa b), apenas se tornam assimiláveis quando esses termos funcionam dentro do universo sociodiscursivo do Pensamento de vida LGBTQ+.

Tomando termo a termo sob o funcionamento discursivo desse universo, temos, na alternativa a), a substancialização de uma (sub)categoria identitária por meio do adjetivo “discreto” e da locução adverbial “fora do meio”. Em conjunto e no interior do Pensamento de vida LGBTQ+, “discreto” não caracteriza apenas, tal como “fora do meio” não é meramente um indicativo de lugar. Aqui, “discreto e fora do meio” funciona como a materialização linguística de um tipo específico de LGBTQ+: um sujeito que é masculinizado; que se passa por heterossexual; que não se inscreve em práticas valoradas como sendo pertinentes a homens gays; que não faz militância LGBTQ+; e que se pareça o menos possível com o que se pode dizer que seja um homem gay.

Ser “discreto e fora do meio” tem um valor entre indivíduos LGBTQ+, o que reflete o deslocamento das normatividades hegemônicas para o interior das relações LGBTQ+, materializando a própria porosidade dos discursos (FOUCAULT, 2008, 2019). Denominamos esse fenômeno por LGBTQ+normatividade: processo em que os padrões normativos hegemônicos – aos quais nos referimos por cisheteronormatividade –, entrando em contato com saberes e formas de vida dissidentes sexualmente, produzem novas normatividades e/ou assimilam as cisheteronormas, que passam a normatizar as existências contra-hegemônicas LGBTQ+ (SILVA, 2022). Na alternativa a), ser “discreto e fora do meio” funciona em dicotomia a uma existência de homem gay que é afeminado; que não se passa por heterossexual; que exerce práticas socialmente valoradas como sendo pertinentes a homens gays; que faz militância LGBTQ+; e cuja aparência física, supostamente, deixa evidente que é gay. Ou seja, “discreto e fora do meio” vem à emergência por uma série de hierarquizações binárias que giram em torno da masculinidade e da feminilidade. Acontece que as oposições do tipo “masculino/feminino”, “macho/fêmea”, “homem/mulher” etc. não são oriundas de um universo sociodiscursivo LGBTQ+, mas de uma forma hegemônica patriarcal de conceber o mundo. A masculinização de

si e a feminização do outro consiste em uma estratégia colonial, estabelecendo a dominação e sujeição do colonizado (LUGONES, 2014). Tal como no funcionamento hegemônico, o valor que a oposição binária “masculino/feminino” desloca para o Pensamento de vida LGBTQ+ é o de “virilidade/passividade”, ou, em outros termos, “dominante/dominado”. Sendo assim, é o processo LGBTQ+ normativo que possibilita a emergência do que é enunciado nessa alternativa, desempenhando atribuições valorativas para a masculinidade e a feminilidade dentro das socializações LGBTQ+.

A alternativa b), como mencionado, é uma enunciação possível a *websites* e aplicativos de relacionamentos, mas não se trata de forma específica a uma discursividade do Pensamento de vida LGBTQ+. Por “em busca de alguém que me faça deletar esse aplicativo”, discursiviza-se o perfil de alguém que está nesses aplicativos e *websites*, mas gostaria de não estar, isto é, gostaria de conhecer alguém que se consistisse em um motivo suficiente para não se ter o interesse de relacionar com outras pessoas. Não nos prolongaremos na análise dessa alternativa, uma vez que, como mencionamos, ela não diz respeito de forma exclusiva às enunciabilidades do Pensamento de vida LGBTQ+, mas a plataformas de relacionamento de forma geral.

O que se enuncia na alternativa c), entretanto, assim como na alternativa a), tem um funcionamento específico quando empregado nas interações dos sujeitos que se inscrevem no Pensamento de vida LGBTQ+. A palavra “real”, comumente utilizada para expressar efeitos de verdade ou para se referir ao que pertence à realeza, em perfis de usuários de aplicativos e *websites* de relacionamento LGBTQ+ opõe-se a “virtual”. Assim, visa explicitar uma expectativa, por parte desse usuário, de que o relacionamento que ali se estabelece saia da virtualidade para acontecer no mundo físico, no mundo “real”. Para isso, na sequência dessa alternativa, emprega-se o sintagma preposicional “com local” que, nesse caso, funciona como uma locução adjuntiva adnominal modificando o enunciador, ou seja, o indivíduo por trás do perfil do aplicativo. Nesse sentido, o que se descreve na alternativa c) poderia ser enunciado por: “quero me relacionar fisicamente e tenho um local em que isso pode ser feito”.

Destacados esses efeitos de sentido construídos pela/na estruturas linguísticas quando em funcionamento no Pensamento de vida LGBTQ+, compreendemos ser relevante refletir os porquês dessa marcação de lugar ser recorrente em perfis de redes sociais LGBTQ+. Se nessas

relações é comum e/ou necessário mencionar quando se tem um espaço onde interações físicas podem acontecer, é porque, certamente, essa menção tem seu valor. A esse respeito, podemos citar o histórico de rechaço e preconceitos aos quais indivíduos LGBT+ estão submetidos, mesmo entre seus familiares e dentro dos próprios lares em que vivem, chegando, por vezes, a serem expulsos de casa devido às práticas (sexuais) a que se inscrevem (DAVI, 2011). O preconceito e a discriminação familiar, por si só, configuram-se em motivações suficientes para que pessoas LGBT+ mantenham suas práticas e relações sob sigilo e discrição, mas se soma a isso o medo das consequências que lhes podem ser acometidas, de forma que seus espaços familiares raramente constituem espaços para suas sociabilidades e interações afetivas, amorosas e/ou sexuais. Além dessa realidade de opressão dentro dos lares, Mota e Laurentiz (2019) afirmam que os espaços públicos também não são hegemonicamente projetados para as vivências dissidentes em sexualidade. Segundo os autores,

para pessoas dentro do padrão hetero-cis, a utilização do espaço público em tempo integral, podendo expressar seu gênero e sexualidade, acontece de forma natural, enquanto travestis, transexuais, gays, lésbicas e bissexuais são violentados ou morrem diariamente nas ruas brasileiras por tentarem fazer o mesmo. (MOTA; LAURENTIZ, 2019, p. 59-60)

Nesse sentido, em vista da dupla opressão vivida por LGBT+ nos espaços familiares e nos espaços públicos, tornam-se compreensíveis as condições que trazem o enunciado “real e com local” à emergência. É uma especificidade das interações LGBT+, de forma geral, terem uma escassez de ambientes em que as afetividades e sexualidades podem ser praticadas de forma plena. Por isso, enunciar que se é um LGBT+ que deseja interações “reais” é possibilitado pela facilidade de anonimato, discrição e sigilo proporcionada pela virtualidade; assim como afirmar-se um LGBT+ “com local”, além de explicitar um *status* socioeconômico que coloca o sujeito em uma posição de privilégio e poder em relação aos outros, retoma uma memória de contenção do desejo não-cisheterossexual.

## 5 Considerações finais

A partir desse estudo discursivo, observamos como a língua(gem) é o lugar em que os indivíduos se constituem. É pela/na língua que se objetiva os seres e fenômenos naturais/sociais, construindo-lhes significações. Também é por meio dela que os indivíduos se tornam sujeitos, isto é, subjetivam-se. Assim sendo, estando imanentemente vinculada aos

processos de objetivação e subjetivação, a língua(gem) é essencial para o ordenamento social. Os sujeitos, nela/por ela constituídos, organizam saberes que vão se consolidando a partir de suas próprias experiências de vida, promovendo a emergência de comunidades interrelacionais submetidas a universos e regimes discursivos que regulam e mediam as formas de existir e posicionar-se dos sujeitos que nelas se inserem.

Dentre tais universos, apresentamos o Pensamento de vida LGBTQ+, expondo seu funcionamento nos processos de significação dos enunciados. Tomando a estrutura linguística como uma espessura material significativa, exploramos os distintos efeitos de sentido que se produzem quando os enunciados estão inscritos nesse universo sociodiscursivo. Assim, palavras e sintagmas como “discreto”, “real”, “com local” e “fora do meio” foram abordadas para explicitar a especificidade de seu funcionamento nas interações e situações comunicativas entre sujeitos cujos saberes constituem e são constituídos pelo Pensamento de vida LGBTQ+.

Refletimos, também, que a exclusividade dos sentidos construídos – suas condições de possibilidade – está vinculada a realidades sócio-históricas ímpares de sujeitos LGBTQ+. É a própria especificidade de suas vivências que possibilita a produção de efeitos de sentido específicos para os atos languageiros que praticam. Por isso, explorar as discursividades próprias de um regime doutrinário que constitui esse universo sociodiscursivo e rarefaz, de forma ambígua, os sujeitos pelos discursos e os discursos pelos sujeitos, conduz não apenas à identificação de atribuições de significados variados, mas à própria materialização, pela/na língua(gem), das particularidades identitárias e demandas subjetivas desses grupos de indivíduos.

Destacamos, ainda, que as caricaturas de sujeitos que são feitas por meio dos sintagmas analisados “Discreto e fora do meio” e “Real com local” materializam proposições de visão de mundo específicas das experiências de vida LGBTQ+. São, portanto, materialidades do Pensamento de vida LGBTQ+ por se inscreverem em situações comunicativas exclusivas de LGBTQ+ e por se referirem a imaginários criados a partir dos saberes desses sujeitos. Por fim, refletimos que as discursividades e saberes se distinguem de um universo sociodiscursivo a outro, de modo que as materialidades linguísticas que discursivizam testemunham diferentes visões de mundo e sistemas de pensamento.

## Referências

ALAB, 2021. **Mesa 3 - práxis decoloniais e(m) língua(gem) e resistência de periferias epistêmicas.** [S. l.: s. n.], 2021. (1:50:09). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NqYqNVWrTkY>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 571-591, 2017. <https://doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.571-591>

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

DAVI, Edmar Henrique Dairell. Resistências e recusas: a cultura LGBT contrapondo-se a homofobia em Uberlândia. **Caderno Espaço Feminino**, [s. l.], v. 24, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14221>. Acesso em: 14 nov. 2022.

DURANTE, Ana Carolina Parolini Borges; GUIMARÃES, Flávia Cristina do Amaral; ARAÚJO, San Thiago de. Gêneros questionados: possíveis diálogos narrativo-discursivos. Em: QUEIROZ, Alessandra Ribeiro *et al.* (org.). **Olhares reflexivos à luz das Teorias Linguísticas.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 190-201. E-book. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/olhares-reflexivos-a-luz-das-teorias-linguisticas/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** Rio de Janeiro, Brasil: Editora Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso:** Aula inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Place of publication not identified: Edições Loyola, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade do saber.** 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>

MOTA, Cássio Henrique Naves; LAURENTIZ, Luiz Carlos de. Micropolíticas LGBT no Espaço Urbano de Uberlândia-MG. **Revista Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 51-61, 2019. <https://doi.org/10.5935/cadernosarquitetura.v19n1p51-61>

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

SILVA, San Thiago de Araújo e. **A que(m) atendem as categorizações identitárias?:** um estudo sobre o pensamento de vida LGBTQ+. 2022. 220 f. Mestrado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35923>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Recebido em: 30.11.2022

Aprovado em: 26.03.2023